

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JT

CLASS. : 19

DATA : 19 04 90

PG. : 04

A energia limpa da Amazônia é nossa

Merece reparos a polêmica que parece prestes a se desencadear entre o secretário nacional de Energia, o economista Rubens Vaz da Costa, e o secretário especial para o Meio Ambiente, José Lutzenberger, a propósito do aproveitamento do imenso potencial de energia hidrelétrica existente na Amazônia. O novo responsável pelo atendimento da demanda de eletricidade no País se fundamenta, ao defender a construção de usinas nessa região, em estudos que apontam para uma aguda crise no abastecimento de energia, já a partir de 1994, se não for retomado o ritmo de obras proposto no plano elaborado para as próximas duas décadas. O controverso defensor, a qualquer preço, dos índios e das florestas prefere ignorar a realidade de um país em desenvolvimento como o Brasil, que carece de energia elétrica não somente para acender lâmpadas que substituam o lampião, mas sobretudo para sustentar o desenvolvimento industrial e agrícola que assegurará a oferta de empregos à crescente população brasileira. Será um desenvolvimento racional, com a marca da modernidade oferecida por um Rondon e pelos reflorestadores do Paraná, que hoje plantam árvores para dispor de madeira para fabricar papel, muito diferente daquele salto para a frente dado pelos Estados Unidos nos tempos do general Custer e dos madeireiros do Mississipi, nos quais se baseia ainda hoje o secretário José Lutzenberger ao preconizar alterações no modelo de desenvolvimento norte-americano.

É certo que as usinas hidrelétricas que construiremos na Amazônia devem atender a peculiaridades definidas pela ciência e pela tecnologia, para que não se repitam os erros cometidos no projeto de Balbina: exíguo potencial, obtido à custa do alagamento de uma área excessiva de florestas. Para tanto, dispomos de excelentes empresas de engenharia consultiva, que deram provas de sua capacidade ao projetarem a maior hidrelétrica do mundo, Itaipu, bem como uma grande usina em plena selva amazônica, Tucuruí, que hoje assegura o abastecimento de extensas e vitais regiões, graças à interligação dos circuitos. Aliás, tais consultoras, que hoje atravessam situação delicada como consequência de uma vesga política de "tudo pelo social", não deveriam perder de vista a sua característica essencial: são empresas em condições de constituir equipes multidisciplinares, capazes de executar não somente projetos de engenharia, mas também outros, nos mais variados campos, inclusive naquele relacionado diretamente com a preservação do meio ambiente.

Não podemos, de maneira alguma, deixar ao abandono os 100 mil megawatts de energia limpa existentes na Amazônia. O governo federal tem o dever, portanto, de zelar para que a emoção e os falsos ideais não transformem as nossas obrigações para com a natureza em fator de atraso econômico e de ridícula militância político-ideológica.